

## O DESEJO EM *LA ÚLTIMA NIEBLA* DE MARIA LUISA BOMBAL E “AMOR” DE CLARICE LISPECTOR

Milene Gonçalves PEREIRA (Letras Port./ Espanhol – UEMS Dourados)  
Paulo Henrique PRESSOTTO (Letras Port./Espanhol – UEMS Dourados)

### RESUMO

Este artigo busca analisar a representação do “desejo” no romance *La última niebla*, de Maria Luisa Bombal (1935) e no conto “Amor” que compõe o livro *Laços de Família* (1960), de Clarice Lispector. Analisamos os aspectos da narrativa e sua linguagem, visando mostrar o desejo da mulher representado nos dois textos em uma sociedade patriarcal: a relação do desejo com a memória, o espelho, a autoconhecimento, a busca da liberdade e o amor. Para este fim, utilizamos como suporte teórico os conceitos de LACAN (1996), BEAUVOIR (1970), BACHELARD (1989), GUERRA (2000), CHAUI (1990), KEHL (1990). Podemos concluir neste trabalho que as protagonistas são conduzidas por momentos epifânicos que acontecem através do contato com a natureza; estes momentos lhe dão certa consciência de quem são e da amplitude de seus desejos.

**Palavras-chave:** Desejo; Bombal; Lispector.

### Considerações iniciais

Maria Luisa Bombal (1910-1980) é uma escritora chilena. Em 1928, ingressou na Faculdade de Letras da Sorbonne, apresentando uma tese sobre Prosper Mérimée (1803-1870). Em 1933, estabelece sua residência em Buenos Aires e a convite de seu amigo Pablo Neruda, participou do movimento intelectual da época

e em 1935 começou sua carreira literária publicando *La última niebla*. Segundo Lucía Guerra (2000, p.14), o romance rompe com os formatos tradicionais desse gênero e abre um espaço para uma escrita revolucionária.

Clarice Lispector (1920-1977) é considerada uma das mentes mais brilhantes da literatura brasileira e se destaca por suas obras de narrativas breves. Seu livro *Laços de Família* (1960), uma de suas obras primas, traz o conto “Amor” que será abordado neste trabalho. Clarice Lispector revela o íntimo da personagem Ana. Conhecedora do que rege o universo feminino, a autora, em “Amor”, trata de sensações, sonhos, ambições, desejo por liberdade, funcionalidade e amor.

O romance *La última niebla* relata a vida de uma mulher que se casa com seu primo, chamado Daniel, e traz consigo sonhos, desejos fervorosos de viver um intenso amor e um casamento no qual se sinta amada. Contudo, a pressão de ter que viver sob a sombra do modelo da primeira mulher de seu marido, já falecida, que para ele era perfeita, lhe causa angustia.

O fato de ser ignorada por seu esposo e de ter que sustentar uma vida de aparências, sufocada pelos padrões os quais deveria seguir, faz com que a personagem, num ato de transgressão, se relacione sexualmente, em uma noite, com um desconhecido. A partir de então, a protagonista inicia uma intensa busca por este homem, trazendo ao romance um clima de realidade, sonho e fantasia, envolvidos por uma névoa que remete ao mistério e à indefinição dos fatos.

Por sua vez, o conto “Amor”, de Lispector, relata a vida cotidiana de Ana, uma mulher casada, com filhos e dona de casa. Tinha a necessidade de se “sentir a raiz firme das coisas e perplexamente seu lar lhe dera” (LISPECTOR, 2001, p. 213). A sociedade patriarcal a colocou num papel já pré-estabelecido com deveres e obrigações impostas a serem cumpridos pela mulher, ou seja, “viera a cair num destino de mulher” (LISPECTOR, 2001, p.213). Ao se encontrar com um cego enquanto estava no bonde, Ana sente um grande desconforto dentro de si pela sensação que o cego lhe causara.

Em decorrência desse encontro, sem perceber vai ao Jardim Botânico, onde ocorre o ápice do momento epifânico que mexe com todos os seus sentimentos e desejos, despertando-a para o mundo

Segundo Marilena Chauí, em seu artigo “Laços do desejo” (1990, p.22-23), o desejo tem origem do verbo *desidero*, que deriva do substantivo *sidus*, isto é,

significa uma figura formada por várias estrelas, chamadas de constelações. Na teologia ou astrologia, seu sentido indica a influência dos astros na vida das pessoas, a palavra no plural *sidera* é aplicada no sentido de louvor. A partir daí, variam-se outras palavras, uma delas é: *desiderium*, que vem a ser, sob o olhar da teologia astral, os intermediários de Deus e o mundo terreno, as pessoas. Afastando o olhar dos astros, *desiderium* é também a decisão de tomar pelas próprias mãos o destino, ou seja, o desejo passa a ser a vontade consciente. Além disso, *desiderium* pode ser perda, privação; o desejo chama-se, então, carência, procura e preenchimento do vazio.

Procuramos esses conceitos nos objetos de estudo deste trabalho. Em síntese, os desejos apresentados nas narrativas de Bombal e Lispector são desejos de mulheres que reservam expectativas em suas vidas conjugal e amorosa. Neste aspecto, o desejo se aproxima da vontade do querer, de almejar, aspirar, ansiar, ambicionar algo, sentir atração e sentir sensações, mas, também, o desejo pode estar relacionado a uma forte carência encontrada em determinados aspectos da vida das protagonistas que as leva a buscar preenchimentos para sanar o vazio que sentem.

Ao discorrer sobre o tema “desejo”, compreendido nos textos em foco, procuramos nos informar, através de consultas em revistas e portais de dissertações e teses, se já havia trabalhos comparativos entre os dois objetos, relacionados ao desejo. Não encontramos. Por esta lacuna, resolvemos abordá-los neste artigo.

Na comparação das obras, estabelecemos algumas questões para este estudo: como o desejo é representado nos textos; como e por que configura o desejo e a sexualidade nos textos; como e por que a natureza é representada nos textos; qual a relação do silêncio e do desejo nas obras; como e por que a morte se relaciona com o desejo das personagens; qual a relação do espelho com o desejo das personagens; que relação há entre memória e desejo; como o cair da tarde e a neblina aparecem nos textos em relação ao desejo. Posto isso, traçamos os seguintes objetivos: a) mostrar como e de que maneira o desejo é representado em suas diferentes formas em ambos os textos; b) apontar o silêncio causado pela falta de comunicação refletida na ânsia de preencher um vazio no relacionamento conjugal; c) colocar em evidência o desejo por viver um amor, ou desejo por liberdade para usufruir dos sentimentos para preencher o vazio provocado pelo

silêncio; d) revelar o olhar da mulher pela perspectiva da mulher, pois o que vemos comumente é o homem falando sobre e da mulher; e) apresentar a indefinição dos personagens diante de seus desejos revelados em símbolos como a neblina e o entardecer.

Nesse sentido, discorreremos, num primeiro momento, sobre os aspectos da narrativa apresentados nos textos, abordando também as características das personagens principais em relação ao tema, à ligação do tempo e do espaço nas obras e na esfera do desejo; bem como o foco narrativo que se segue nas obras, a linguagem utilizada e o enredo, destacando as epifanias e os símbolos.

No segundo momento, abordaremos as semelhanças e as diferenças entre os textos em relação ao tema, aos contextos presentes nos objetos em foco. Discutiremos a relação do desejo com a sexualidade; a influência da natureza no íntimo da mulher; o silêncio; a morte; o espelho; a memória. Para este estudo, utilizaremos conceitos teóricos de Beauvoir, Lacan, Guerra, Chauí e Bachelard, Kehl.

## **1 A Narrativa de *La última niebla* e “Amor”**

*La última niebla* traz em sua narrativa uma personagem-narradora sem nome que intenta alçar um caminho. A história apresenta uma nova perspectiva de uma protagonista, pois ela deixa de ser a musa idealizada pelos românticos e passa a ser uma mulher “real”, que tem desejos, comete adultério, transgredindo as regras da sociedade para viver seus sonhos. No entanto, fica a dúvida se ela consegue concretizar seus desejos, ou o que relata é um sonho que lhe surge para escapar da realidade.

Atormentada pelo vazio que sente pela falta de amor em seu relacionamento conjugal, a personagem vive uma aventura amorosa com um amante. Com essa experiência, consegue se realizar como mulher, porque se entrega aos desejos que tanto queria viver e sentir; porém, não se sabe se foi sonho ou realidade, pois a protagonista é envolvida por um mistério, pelo fantasioso, cuja representação está ligada à névoa que a envolve, assim como todo o ambiente que a rodeia. Os espaços se intercalam entre fechado (casa e quarto) e aberto (espaço da fazenda, jardim e cidade).

Embora o foco venha a ser a personagem principal, também abordamos Regina, cunhada da protagonista, pois essa exerce um papel importante na vida da personagem. Pela influência de Regina, a protagonista é levada a descobrir seu próprio corpo e se vê sensual. Regina configura uma imagem de heroína, mas não aquela heroína convencional romântica e frágil. Na narrativa, Regina caracteriza-se por transgredir regras e imposições patriarcais; é mulher subversiva, adúltera, possuidora de prazeres e valente.

O conto “Amor” é um dos contos que pertence ao livro *Laços de Família* (1960), cuja história é narrada por um narrador onisciente, aquele que sabe de tudo que se passa no relato, porém não participa da história. A protagonista se chama Ana, uma mulher casada, de classe média, com dois filhos, e que vivia na “normalidade” de sua rotina: cuidava da casa, dos filhos e do marido. E seu desejo inicial estava em se sentir útil, em ser “a raiz firme das coisas” (LISPECTOR, 2001). Vivia uma falsa felicidade em seu mundo restrito como dona de casa, e assim ignorava o mundo lá fora.

A autora faz uso de uma linguagem simples, porém cheia de metáforas, símbolos e epifanias. A epifania mais marcante acontece quando a personagem olha o cego, durante o traslado do bonde, e nos momentos em que interage com a natureza no Jardim Botânico. Há uma mudança em seu interior e na maneira como vê a vida e o mundo e se vê neles, incomodando-a ao sentir sensações e desejos que não sentira antes. Ana é uma mulher que ama seu marido, seus filhos, mas com esta saída de casa, com esta revelação do mundo, passa a sentir o externo profundamente. Seu mundo já não é mais o mesmo, passa a existir na personagem uma tensão interior (o que vive no lar e o que está no externo).

A história se desenvolve em três espaços: o apartamento onde reside com sua família (representa a estabilidade e segurança); o bonde de onde avista o cego responsável pela epifania e o Jardim Botânico onde acontecem outros instantes de revelação. Essas mudanças fazem com que Ana vá ao encontro de seu interior, passando pelo autoconhecimento.

## **2 O Espaço em *La última niebla* e “Amor”**

O espaço e o ambiente são pontos importantes na análise dos textos, pois ali os fatos acontecem. *La última niebla* apresenta os seguintes locais: a casa na fazenda onde reside a protagonista, a casa do amante na cidade, a parte exterior da casa da fazenda (ou seja, a natureza que cerca toda a casa e também a cidade).

A casa é um ambiente grande e amplo, localizada em uma fazenda. Nela há um luto pela morte da primeira esposa de Daniel, atual marido da protagonista. Por esta razão, há um clima mórbido, de tensão e de tristeza. As pessoas que ali habitam parecem não ter vida. A presença da primeira mulher de Daniel é tão forte que a protagonista teme ficar como ela, pois se sente uma morta viva, sem personalidade, aprisionada em convenções e aparências. Este espaço-ambiente pode significar segurança e proteção na mente da personagem. Como afirma Bachelard, “[...] a casa é o nosso canto do mundo. Ela é como se diz amiúde, o nosso primeiro universo [...]” (2003, p.24). O lar é o lugar que a protagonista pode retornar, se abrigar quando as intempéries da vida recaírem sobre ela.

Há alguns símbolos significativos dentro da casa como o espelho que leva a protagonista a se ver e refletir sobre sua aparência, seu interior. Ou seja, olha para dentro de si através do olhar do outro, conduzindo-a ao autoconhecimento. Outro espaço que aparece na narrativa é a cidade. Por ser um lugar aberto, representa o desejo por liberdade da protagonista.

O espaço da natureza que cerca a casa é composto por um jardim, uma lagoa, muitas árvores e bichos. É nesse espaço que a protagonista entra em contato direto com a natureza. Dentro do lago, é acariciada pela água e as vegetações que ali se encontram. Neste lugar, ocorre um momento epifânico, e ela começa a se tocar, a conhecer seu corpo, descobrindo sua sexualidade, despertando-lhe, então, desejos. A natureza é liberdade, vida e morte. Pode ser entendida como um processo de transformação de um mundo vivo. Temos também a presença da água que, simbolicamente, está relacionada à purificação, à limpeza e à fertilidade. A água é um forte elemento que contribui para os instantes mais revelados da protagonista.

Por sua vez, a aranha, outro símbolo, representa o destino. Tecedora de sua própria teia, ela conduz seu próprio caminho e suas decisões estão unicamente em suas mãos, sendo responsável por elas. A aranha é a representação da sabedoria e está relacionada à consciência das escolhas que a protagonista faz.

O lago é um símbolo feminino e, assim como a água, remete à fertilidade, à transição da vida, à reflexão. Ele é também uma representação do espelho natural e leva ao autoconhecimento, à autocontemplação, além de revelar o inconsciente, aflorando os desejos da protagonista. Por sua vez, o jardim tem a sua representação advinda de vários povos antigos. Ele significa o refúgio sagrado e simboliza o cosmos e a harmonia. Além de refúgio, simboliza a solidão da protagonista. A natureza, tão destacada no texto, muda o interior da personagem.

No conto “Amor”, os espaços são: o apartamento (casa), o bonde e o jardim Botânico. O apartamento também representa para a personagem a segurança e a estabilidade funcional, a posição econômica e social da personagem. O apartamento de Ana é um apartamento de classe média, com cortinas que ela mesma havia feito. Há janelas, um fogão enguiçado e uma cozinha espaçosa em que as donas de casa passam a maior parte do tempo. O vento que sopra pela janela e a visão ampla do mundo lá fora permitem uma opção de escolha que coloca em risco a rotina, a comodidade e o desejo em ser útil da protagonista. Bachelard afirma que:

Na vida do homem, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “jogado no mundo”, como o professam as metafísicas apressadas, o homem é colocado no berço da casa. E sempre, nos nossos devaneios, ela é um grande berço. Uma metafísica não pode deixar de lado esse fato, esse simples fato, na medida em que ele é um valor, um grande valor ao qual voltamos aos nossos devaneios. O ser é imediatamente um valor. A vida começa bem, começa fechada, protegida, agasalhada no regaço da casa (BACHELARD, 2003, p.26).

Esta citação reforça que o apartamento de Ana pode ser um lugar seguro. Ela tem a certeza da sua funcionalidade, do seu aconchego, de sua comodidade e rotinas domésticas. Quando passar por momentos de instabilidade e conflito, com o seu mundo interior e com seu mundo exterior, sua casa é o lugar para onde pode retornar, pois junto a ela estão seus filhos e marido, ou seja, é o espaço em que se sente segura.

Com relação ao bonde, sua representação diz muito sobre o estado emocional de Ana. Ao sair de casa para fazer compras, ela entra nesse veículo que começa a andar, sacudir, vacilar nos trilhos e arrancar, depois parar com

movimentos abruptos e inesperados. Ana passa por interferências causadas pelo mundo que a rodeia, afetando assim todo o seu psicológico, pois o desejo pela funcionalidade está ameaçado pelas incertezas do mundo: “Por um momento não conseguia orientar-se” (LISPECTOR, 2001, p. 215). Este momento ocorre ao descer do bonde com pernas débeis e bambas.

O Jardim Botânico é o espaço responsável pelo verdadeiro momento epifânico de Ana, pois é um ambiente de natureza, um lugar vasto, tranquilo e silencioso que lhe provoca a indagação de quem é ela e quem poderia ser. Ele altera seu estado psicológico. Há um mundo exterior confrontando-se com seu mundo interior, repleto de desejos de viver. Atestando o estado de conflito em que seu “eu” se encontrava, notamos que o jardim faz relação com elementos contraditórios, por exemplo: “De longe via a aleia onde a tarde era clara e redonda. Mas a penumbra dos ramos cobria o atalho” (LISPECTOR, 2001, p. 215). O contraste de claro e escuro. Também, em outra passagem, o ato de colocar o embrulho que possuía no chão do jardim representa um afastamento temporário do compromisso com a família, pois o embrulho continha coisas que eram para a casa, e foi deixado sobre a terra, cuja simbologia está relacionada a algo fixo, sólido e representa apoio e amparo, dando a ideia de base, contribuindo para o processo de consciência.

A aranha faz relação com o desejo de autonomia e libertação, pois é a própria aranha que tece sua teia, ou seja, seu destino representa sabedoria. A imagem do gato, além de simbolizar independência, sagacidade e sensualidade, tem também um significado místico e de importância para várias culturas e crenças; no texto possibilita a Ana uma alta intuição e sensibilidade para enxergar além do aparente, pois a imagem do gato representa a fusão do espiritual e do físico. Depois desse momento epifânico, retorna para sua casa. Em seu apartamento, Ana passa a ver este espaço-ambiente de outra maneira, tem a consciência de seus dois mundos. Antes da epifania via sua casa como o único lugar certo de sua funcionalidade, após sua epifania compreende que o mundo fora de seu lar também precisava dela, de sua utilidade, provocando o desejo de amar o próximo.

## **2.1 A representação do desejo no romance e no conto**

Em *La última niebla* há um relacionamento frio e por conveniência do casal. A mulher aparenta o desejo de se casar, de ser amada, de sentir o prazer, de ser desejada pelo seu esposo. Deseja ser ouvida e expor seus pensamentos, mas estes são abafados por uma convenção cultural de uma época. São abafados pelo comportamento distante do marido.

No romance, a mulher revela o desejo pelo ato sexual, um dos momentos que também a levam ao autoconhecimento.

Entonces él se inclina sobre mí y rodamos enlazados al hueco del hecho. Su cuerpo me cubre como una ola hirviente, me acaricia, me quema, me penetra, me envuelve, me arrastra desfallecida [...], y dulce a mi cuerpo el cansancio infligido por la preciosa carga que pesa entre mis muslos (BOMBAL, 2000. p.69).<sup>1</sup>

Maria Luisa Bombal vem a ser a primeira escritora a descrever o ato sexual na fala de sua personagem: o desejo pelo prazer de amar e se deleitar nos braços de um homem, como se vê na citação acima. Com isso, Bombal transgride todo um discurso patriarcal de uma época, mais precisamente na década de 30 (GUERRA, 2000, p. 16).

No conto “Amor”, Ana não mostra aparente frustração com o casamento e sente a necessidade de sentir importante, de ser “a raiz firme das coisas” (LISPECTOR, 1960, p.). O desejo em Ana supera o amor entre homem e mulher, e filhos. Transcendendo para um amor fraternal, ela deseja o amor ao próximo, deseja amar o mundo, mas por algum motivo volta-se para um campo particular em que só ela mesma sabe e se encontra. Assim acontece como a personagem do romance *La última niebla*, de Bombal.

Este desejo, que agora sente, torna-se algo perigoso para ela, pois vê o mundo de outra maneira: “Num gesto que não era seu, mas que pareceu natural, segurou a mão da mulher, levando-a consigo sem olhar para trás, afastando-a do

---

<sup>1</sup> Então ele se inclina sobre mim e nós rolamos ligados ao oco do fato. Seu corpo me cobre como uma onda fervente, ele me acaricia, ele me queima, ele me penetra, ele me envolve, ele me deixa fraca [...], e o cansaço infligido pela carga preciosa que pesa entre minhas coxas é doce para o meu corpo (BOMBAL, 2000. P.69.). (Tradução nossa)

perigo de viver” (LISPECTOR, 2001, p.219). Fayga Ostroyer, em “A fonte do desejo em Goya”, afirma que: “[...] quando o indivíduo começa a viver, ele começa a empreender uma viagem ao desconhecido. Ele ainda não sabe quem ele é \_\_ mas vai descobri-lo através do viver” (OSTROYER, 1990, p.481-482). E ainda acrescenta: “São as colocações da vida e as respostas que a pessoa for capaz de dar, que vão revelar sua identidade única, sua capacidade de crescimento e sua estatura interna” (1990, p.482). Eis aqui o perigo de viver pelo qual passa a personagem de “Amor”.

Ana nutre também o desejo de ser útil pela funcionalidade:

No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. [...] Assim ela o quisera e escolhera (LISPECTOR, 2001, p. 213).

Por mais contraditório que pareça, a protagonista tem escolha. Consciente dos seus dois mundos, o exterior e o interior, e dos seus desejos, ainda assim faz sua escolha em permanecer levando a sua vida junto à sua família, em sua rotina no apartamento, pois sabia da sua utilidade e ali sentia segurança, com outro olhar para as coisas que a rodeavam.

## **2.2 A relação entre natureza, autoconhecimento, morte e desejo**

A natureza é um aspecto fundamental em ambos os textos. É por intermédio dela que as personagens se encontram consigo mesmas. Através do contato direto com a natureza - o balançar das árvores, a água, o cipó, o cheiro das árvores, as frutas pretas e doces, as plantas e as flores e o silêncio - que os desejos mais profundos dos sujeitos das narrativas são despertados. É dessa maneira que a personagem do romance *La última niebla* se descobre. Ao tocar seu corpo, junto à natureza, sensações prazerosas, desejos intensos, como os de amar com todo ardor e paixão, são aflorados:

Me acomete una extraña languidez. Cierro los ojos y me abandono contra un árbol. ¡Oh, echar los brazos alrededor de un cuerpo ardiente y rodar con él, enlazada, por una pendiente sin fin...! Me siento desfallecer y en vano sacudo la cabeza para disipar el sopor

que se apodera de mí. Entonces me quito las ropas, todas, hasta que mi carne se tiñe del mismo resplandor que flota entre los árboles. [...] No me sabia tan blanca y tan hermosa [...] (BOMBAL, 2000, p.61).<sup>2</sup>

A natureza também provoca a reflexão, incomoda, mas traz leveza, tranquilidade. A morte já não é o que comumente pensávamos, faz parte de todo um processo de transição de autoconhecimento, de transformação. O desejo pelo autoconhecimento estava encoberto em Ana pela sua rotina previsível. Através do contato direto com o jardim Botânico, despertou-lhe o que estava adormecido. A natureza instiga em nós quando percebemos verdadeiramente o fascínio e, ao mesmo tempo, o medo e o nojo, vida e morte se complementam. Observemos um trecho do conto “Amor”:

Nas árvores as frutas eram pretas, doces como mel. Havia no chão caroços secos cheios de circunvoluções, como pequenos cérebros apodrecidos. O banco estava manchado de sucos roxos. Com suavidade intensa rumorejavam as águas. No tronco da árvore pregavam-se as luxuosas patas de uma aranha. A crueza do mundo era tranquila. O assassinato era profundo. E a morte não era o que pensávamos (LISPECTOR, 2001, p.216).

O contato com a natureza manifestou na protagonista um novo olhar para si mesma e para o mundo, ou seja, seu desejo ampliou-se. Surgiu a vontade de se entregar para um amor maior, numa empreitada de conquistas, derrotas, aprendizado, alteridade. O interesse pela liberdade e de ser mais útil do que já era existia em Ana. Vejamos:

Inquieta, olhou em torno. Os ramos se balançavam, as sombras vacilavam no chão. Um pardal piscava na terra. E de repente, com mal-estar, pareceu-lhe ter caído numa emboscada. Fazia-se no Jardim um trabalho secreto do qual ela começava a se aperceber (LISPECTOR, 2001, p.216).

Acontece o momento epifânico de Ana, o olhar para seu interior, para o seu “eu” distancia-se por um momento da segurança do lar, dos cuidados que tinha com os filhos, esposo, a família, o jardim e todos os seus elementos naturais, a água, os

---

<sup>2</sup> Eu sou atingida por um estranho langor. Eu fecho meus olhos e me encosto a uma árvore. Oh! para jogar seus braços ao redor de um corpo em chamas e rolar com ele, ligados por um declive infinito ...! Sinto-me fraca e em vão sacudo a cabeça para dissipar o estupor que me domina. Então eu tiro minhas roupas, tudo, até que minha carne esteja tingida do mesmo brilho que flutua entre as árvores. [...] eu não me via tão branca e tão bonita [...]. (BOMBAL, 2000, p. 61) (Tradução nossa)

frutos, as árvores, a terra, a brisa e os bichos. Ana passou a desejar mais e do que já desejava, queria amar mais.

### 2.3 O desejo por trás do silêncio

O silêncio transcorre em alguns momentos nos textos de Bombal e Lispector, porém, a relação entre silêncio e desejo está enredada no contexto da incomunicabilidade. A tentativa de um diálogo, ou melhor, o desejo de serem ouvidas, de expressarem seus pontos de vista e sentimentos, era sufocado com indiferença e displicência de olhares por parte dos maridos. No conto “Amor”, Ana era vítima da displicência de diálogo, disfarçado por um gesto terno do seu companheiro:

Ela continuou sem força nos seus braços. Hoje de tarde alguma coisa tranquila se rebentara, e na casa toda havia um tom humorístico, triste. É hora de dormir, disse ele, é tarde. Num gesto que não era seu, mas que pareceu natural, segurou a mão da mulher, levando-a consigo sem olhar para trás, afastando-a do perigo de viver (LISPECTOR, 1960, p. 219).

O esposo de Ana percebeu que havia algo de diferente com ela. No seu olhar e em seus pequenos gestos, viu que estava diante de outra mulher, porém, fingiu não perceber, silenciando o interesse em saber o que teria acontecido com sua esposa naquela tarde, sobrepondo-lhe uma indiferença causada pela falta de comunicação estabelecida, impondo-lhe o seu poder de homem de sociedade patriarcal sobre a mulher. Todavia, os desejos estavam ali nos olhos de Ana.

Em *La última niebla*, o leitor não sabe o nome da protagonista. Há um ponto alto da indiferença e hipocrisia da relação que a mulher era submetida no trecho seguinte:

Llega el día de nuestro décimo aniversario matrimonial. La familia se reúne en nuestra hacienda, salvo Felipe y Regina, cuya actitud es agriamente censurada. Como para compensar la indiferencia en medio de la cual se efectuó hace años nuestro enlace, hay ahora un exceso de abrazos, de regalos y una gran comida con numerosos brindis. En

la mesa, la mirada displicente de Daniel tropieza con la mía (BOMBAL, 2000. p. 73).<sup>3</sup>

O desejo da protagonista é sufocado por uma sociedade patriarcal. A personagem em um dado momento representaria para os homens uma espécie de troféu da virilidade masculina, enredada numa ideologia machista dominante nas décadas de 30 e 60. Essa ideologia de valores socioculturais a coloca no lugar exclusivo de mãe e esposa.

Vale a pena destacar que mulher se faz mulher, por mais que os homens e uma sociedade machista tentem sufocá-la e enquadrá-la em determinados parâmetros inferiorizando seu lugar na sociedade, eles no fundo sabem que a mulher que inventaram é uma farsa, talvez essa farsa esteja ligada ao medo de perdê-las e de serem superados por elas.

Eles inventaram-na. Mas ela existe também sem essa invenção. Eis por que é, ao mesmo tempo, a encarnação do sonho masculino e seu malogro. Não há uma só representação da mulher que não engendre de imediato a imagem inversa: ela é a Vida e a Morte, a Natureza e o Artifício, o Dia e a Noite. Sob qualquer aspecto que a consideremos, encontramos sempre a mesma oscilação pelo fato de que o inessencial volta necessariamente ao essencial (BEAUVOIR, 1970, p.230).

No conto “Amor”, quando o narrador enfatiza o desejo de Ana em ser o centro da casa, onde todos a recorrem quando necessitam de algo, ele quer dizer que a escolha em ser útil e funcional significa que a protagonista tem personalidade. O mesmo acontece com a personagem de *La última niebla* que toma consciência da sua auto identidade e desejos de mulher, mas escolhe seguir o seu marido para viver de aparências e pequenas frivolidades.

## **2.4 A representação da memória e do espelho nas obras e sua ligação com o desejo**

O espelho representado na obra de Bombal alude a um momento de nostalgia da personagem, do tempo em que informa sua condição física real, ou seja, sua

---

<sup>3</sup> Chega o dia do nosso décimo aniversário de casamento. A família se reúne em nossa fazenda, exceto Felipe e Regina, cuja atitude é amargamente censurada. Como se para compensar a indiferença em meio a qual nossa ligação foi feita anos atrás, agora há um excesso de abraços, de presentes e uma grande refeição com numerosos brindes. Na mesa, o olhar indiferente de Daniel encontra o meu (BOMBAL, 2000, p. 73).

juventude, levando-a à reflexão. O espelho contempla o desejo da mulher por liberdade quando a protagonista vê seus cabelos soltos, brilhantes como uma seda, mas é obrigada a repelir seus desejos por imposição do seu esposo, pois tinha que seguir um modelo de mulher sóbria e recatada da primeira esposa de Daniel:

Ante el espejo de mi cuarto, desato mis cabellos, mis cabellos también sombríos. Hubo un tiempo en que los llevé sueltos, casi hasta tocar el hombro. Muy lacios y apegados a las sienas, brillaban como una seda fulgurante. Mi peinado se me antojaba, entonces, un casco guerrero que, estoy segura, hubiera gustado al amante de Regina. Mi marido me ha obligado después a recoger mis extravagantes cabellos; porque en todo debo esforzarme en imitar a su primera mujer, a su primera mujer que, según él, era una mujer perfecta (BOMBAL, 2000, p. 60).<sup>4</sup>

Como podemos ver na citação acima, a protagonista não pode sentir ou expressar alegria, vivacidade e personalidade, deve manter submissão a seu companheiro, manter-se passiva e incumbida de seguir o modelo de uma morta. Com isso, seu fulgor e alegria de viver pouco a pouco desvanecem. Vejamos o trecho:

Me miro al espejo atentamente y compruebo angustiada que mis cabellos han perdido ese leve tinte rojo que les comunicaba un extraño fulgor, cuando sacudía la cabeza. Mis cabellos se han oscurecido. Van a oscurecerse cada día más (BOMBAL, 2000, p. 60).<sup>5</sup>

A protagonista se refere ao cabelo quando se vê diante do espelho e isso tem uma representação simbólica dentro do texto em relação ao desejo que a personagem sente. O cabelo solto que a protagonista usava quando mais jovem era cheio de brilho. No *Diccionario de símbolos* (CHEVALIER; CHEERBRANT, 1982), temos a seguinte definição sobre o cabelo: como “desgrenhados” se remetem há

---

<sup>4</sup> Diante do espelho do meu quarto, desato meu cabelo, meu cabelo também escuro. Houve um tempo em que eu os usava soltos, quase tocando ao ombro. Muito retos e presos às têmporas, eles brilhavam como uma seda fulgurante. Meu penteado parecia-me, então, um capacete de guerreiro que, tenho certeza, teria gostado o amante de Regina. Meu marido me obrigou a prender meu cabelo extravagante depois; porque em tudo devo me esforçar para imitar sua primeira esposa, sua primeira esposa, que, segundo ele, era uma mulher perfeita (BOMBAL, 2000, p. 60). (Tradução nossa)

<sup>5</sup> Olho-me atentamente no espelho e me vejo angustiada que meu cabelo perdeu aquela leve coloração vermelha que transmitia um brilho estranho quando sacudia a cabeça. Meu cabelo escureceu. Eles ficaram mais escuros a cada dia (BOMBAL, 2000, p. 60). (Tradução nossa)

alguns rituais antigos realizados por feiticeiros; estes apresentam, em sua maioria, cabeleiras vermelhas como da protagonista. Outros grupos de sociedade secreta usavam os cabelos compridos e soltos como forma de protesto, renúncia às limitações e convenções do destino individual, da ordem da vida comum estabelecida pela sociedade. É visto também como um dos principais artifícios de poder da mulher, mostra a disponibilidade de entrega de seus desejos ou a reserva deles na maneira como se apresentam (soltos ou presos). Com relação à tradição cristã, o cabelo solto da mulher contribui para a sua sensualidade; em tempos passados as mulheres tinham que entrar nas igrejas com as cabeças cobertas e se fossem casadas teriam que manter o cabelo preso (CHEVALIER; CHEERBRANT, 1982, p. 153, 155).

O espelho estabelece uma ponte entre o mundo interior e o mundo circundante da mulher. Relacionado ao “eu”, este objeto representa tensões, ou seja, simboliza o autoconhecimento, conduz o olhar da personagem para seu interior, dando conta de seus desejos e de sua realidade. Lacan, em seu ensaio “O estádio do espelho”, faz uma observação sobre esses dois mundos ligados à psicanálise:

A função do estádio do espelho revela-se para nós, por conseguinte um caso particular da função da *imago*, que é estabelecer uma relação do organismo com sua realidade — ou, como se costuma dizer, do *Innenwelt* (mundo interior) como o *Umwelt* (mundo circundante) (LACAN, 1996, p. 100).

A representação do espelho no conto “Amor” aparenta inicialmente um momento de intimidade da personagem com ela mesma, como se trouxesse algum ensinamento do que ocorreu naquele dia. O desejo entre dois mundos provoca em seu interior o amor e o inferno, porém, é diante do espelho também que encontra a tranquilidade de, por um instante, não pensar em nenhum dos seus dois mundos. Ao se deitar, apaga uma pequena chama do desejo despertado na protagonista, resultante daquele dia. Segue a passagem: “E, se atravessara o amor e o seu inferno, penteava-se agora diante do espelho, por um instante sem nenhum mundo no coração. Antes de se deitar, como se apagasse uma vela, soprou a pequena flama do dia” (LISPECTOR, 1960, p. 219).

Segue uma citação que pode nos elucidar sobre a questão do “eu”, segundo Lacan:

Correlativamente, a formação do *Eu* simboliza-se oniricamente por um campo fortificado, ou mesmo um estádio, que distribui da arena interna para sua muralha, para seu cinturão de escombros e pântanos, dois campos de luta opostos em que o sujeito se embaraça na busca do altivo e distante castelo interior, cuja forma (às vezes justaposta no mesmo cenário) simboliza o *isso* de maneira surpreendente. E, do mesmo modo, desta vez no plano mental, vemos realizadas essas estruturas de obra fortificada cuja metáfora surge espontaneamente, como que saída dos próprios sintomas do sujeito [...]” (LACAN, 1996, p.101).

Há momentos em que dúvidas são percebidas na personagem no que se referem aos seus dois mundos. O narrador se utiliza de metáforas como a vela, o sopro e a flama do dia para se referir à esperança em relação aos desejos e sentimentos da personagem e ressalta o seu olhar para dentro.

A memória, por sua vez, está relacionada ao desejo de reviver um momento especial de entrega de sensações, de emoções e de amor. Esses momentos vêm à memória através de uma lembrança de um cheiro, de um perfume, dos olhos claros do amante, das pálidas noites de outono que relembram a noite na cidade em que a protagonista vive uma experiência amorosa e de desejos únicos.

[...] Me levanto, enciendo a hurtadillas una lámpara y escribo: He conocido el perfume de tu hombro y desde ese día soy tuya. Te deseo. Me pasaría la vida tendida esperando que vinieras a apretar contra mi cuerpo tu cuerpo fuerte y conecedor del mío, como si fuera su dueño desde siempre. Me separo de tu abrazo y todo el día me persigue el recuerdo de cuando me suspendo a tu cuello y suspiro sobre tu boca (BOMBAL, 2000, p.71).<sup>6</sup>

De certa forma, a lembrança permanece de maneira coletiva, ainda que se trate de fatos ocorridos e objetos vistos somente pela protagonista. Isso acontece porque na verdade nunca estamos sós. A memória guarda o que a protagonista tem de mais precioso, a lembrança da noite que se entregou para um desconhecido, alcançando todos os ápices de seus desejos, vivenciando o amor e principalmente o

---

<sup>6</sup> [...] levanto-me, arrumo uma lâmpada e escrevo: conheço o perfume do seu ombro e desde esse dia sou tua. Te desejo. Eu gastaria minha vida mentindo esperando que você viesse e pressionasse contra meu corpo seu corpo forte e conecedor meu, como se fosse seu dono para sempre. Eu me separo do seu abraço e o dia inteiro me assombra a memória de quando eu suspendo meu pescoço e suspiro sobre sua boca. (BOMBAL, 2000, p. 71) (Tradução nossa)

alcance de sua sexualidade. Essa memória é a força que tem para continuar a viver e suportar a vida de conveniência a qual tem ao lado do esposo.

Pasan los años. Me miro al espejo y me veo, definitivamente marcadas bajo a los ojos, esas pequeñas arrugas que sólo me afluían, antes, al reír. Mi seno está perdiendo su redondez y consistencia de fruto verde. La carne se me pega a los huesos y ya no parezco delgada, sino angulosa. Pero, ¡qué importa! ¡Qué importa que mi cuerpo se marchite, si conoció al amor! Y qué importa que los años pasen, todos iguales. Yo tuve una hermosa aventura, una vez... Tan sólo con un recuerdo se puede soportar una larga vida de tedio. Y hasta repetir, día a día, sin cansancio, los mezquinos gestos cotidianos (BOMBAL,2000, p. 70).<sup>7</sup>

A lembrança da juventude e o desejo de ser jovem novamente entrelaçam com a imagem do espelho e o tempo apontado por ele, entretanto a memória remete à aventura que a protagonista vivera com o amante e essa memória lhe dá forças para continuar a viver, porque se lembra de um dia ter amado.

Em “Amor”, a memória está implícita quando Ana se lembra de seus filhos no Jardim Botânico, do seu lar, se dando conta de que tem uma casa e uma família para cuidar, deixando alguns desejos que estavam adormecidos que, por um momento epifânico, causado pelo cego e pelo contato com a natureza, foram deixados para trás.

Mas quando se lembrou das crianças, diante das quais se tornara culpada, ergueu-se com uma exclamação de dor. Agarrou o embrulho, avançou pelo atalho obscuro, atingiu a alameda. Quase corria — e via o Jardim em torno de si, com sua impersonalidade soberba. Sacudiu os portões fechados, sacudia-os segurando a madeira áspera. O vigia apareceu espantado de não a ter visto. [...] O menino que se aproximou correndo era um ser de pernas compridas e rosto igual ao seu, que corria e a abraçava. Apertou-o com força, com espanto. Protegia-se trêmula. Porque a vida era periclitante. Ela amava o mundo, amava o que fora criado — amava com nojo. Do mesmo modo como sempre fora fascinada pelas ostras, com aquele vago sentimento de asco que a aproximação da verdade lhe provocava, avisando-a. Abraçou o filho, quase a ponto de machucá-lo. Como se soubesse de um mal — o cego ou o belo

---

<sup>7</sup> Os anos passam. Eu olho no espelho e me vejo, definitivamente marcada sob meus olhos, aquelas pequenas rugas que só vieram a mim antes, quando riam. Meu peito está perdendo sua redondeza e consistência de frutas verdes. A carne gruda nos meus ossos e eu não pareço mais magra, mas angulosa. Mas o que isso importa? O que importa que o meu corpo murche, se conhecesse o amor! E o que importa que os anos passam, mesmo assim. Eu tive uma linda aventura, uma vez ... Só com uma lembrança você aguenta uma longa vida de tédio. E até repetir, dia após dia, sem cansaço, os mesquinhos gestos diários (BOMBAL, 2000, p. 70) (Tradução nossa)

Jardim Botânico? — agarrava-se a ele, a quem queria acima de tudo. Fora atingida pelo demônio da fé. A vida é horrível, disse-lhe baixo, faminta. O que faria se seguisse o chamado do cego? Iria sozinha... havia lugares pobres e ricos que precisavam dela. Ela precisava deles... tenho medo, disse. [...] (LISPECTOR, 2001, p.216-217).

Ana se sentiu culpada pela possibilidade de deixar seus filhos e sua família. A memória se faz presente também na casa com seus filhos, na lembrança do que descobrira no Jardim Botânico. Apoiava-se nas suas crianças com grande força para enfrentar toda sua descoberta que ocorrera à tarde.

Em uma passagem, a memória evidencia a sua juventude e o desejo nostálgico por ela, revelando a vontade de viver e de ser feliz.

[...] Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha — com persistência, continuidade, alegria. O que sucedera a Ana antes de ter o lar estava para sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável [...] (LISPECTOR, 1960, p.213).

A memória de sua juventude lhe causava alegria de um tempo em que era livre, despertando-lhe o desejo por liberdade. Esse desejo se contrapõe à sua realidade, e revela um contraste de sentimentos e sensações. A lembrança de sua juventude lhe causa um incômodo, pois aprendeu a se anular e estava sempre preocupada com os desejos dos outros: seu marido, filhos e família.

Ana, depois de se casar, via a vida de maneira estática, como se olhasse com os olhos alheios e, ao encontrar o cego, surge uma nova perspectiva de olhar para a vida e para o mundo. Ampliou então os seus desejos de amar e a sua necessidade de ser útil ao próximo. Em *La última niebla*, a protagonista também deixa seus desejos de lado, por alguns momentos, para seguir o modelo da esposa falecida de Daniel, penteando-se como ela, vestindo-se como ela. Submete-se a viver a sua vida sob a imagem de outra mulher para satisfazer o desejo do marido.

## **2.5 Como o cair da tarde e a neblina aparecem nos textos em relação ao desejo**

O cair da tarde e a neblina aparecem nos textos como pontos culminantes, momentos perigosos para ambas as personagens. Para Ana, o cair da tarde traz à tona os seus desejos, a sua fascinação entre seus dois mundos relacionados ao amar além do limite. Esse momento ameaçava seu desejo de ser útil e necessária:

Certa hora da tarde era mais perigosa. Certa hora da tarde as árvores que plantara riam dela. Quando nada mais precisava de sua força, inquietava-se. No entanto sentia-se mais sólida do que nunca, seu corpo engrossara um pouco e era de se ver o modo como cortava blusas para os meninos, a grande tesoura dando estalidos na fazenda. Todo o seu desejo vagamente artístico encaminhara-se há muito no sentido de tornar os dias realizados e belos; com o tempo, seu gosto pelo decorativo se desenvolvera e suplantara a íntima desordem (LISPECTOR, 2001, p.212-213).

Ao anoitecer, o jardim Botânico lhe provocava, e sua sensação era de nojo e de fascínio ao mesmo tempo: “Era quase noite agora e tudo parecia cheio, pesado, um esquilo voou na sombra. Sob os pés a terra estava fofa, Ana aspirava-a com delícia. Era fascinante, e ela sentia nojo” (LISPECTOR, 2001, p. 216).

A neblina, a névoa e o entardecer apresentam semelhanças em *La última niebla* e no conto “Amor”, pois são momentos epifânicos de sensações, sentimentos e desejos intensos em que as protagonistas vivenciam.

Observamos um momento crítico para a personagem, pois sente muito medo de se tornar uma prisioneira da casa e da sombra da falecida esposa de seu marido. Esta ideia lhe parece assombrosa, porém a névoa traz algo novo, escondido e misterioso e sempre está em torno da personagem, nos momentos, por exemplo, que sentia admiração e inveja pela cunhada Regina. Vejamos:

La niebla se estrecha, cada día más, contra la casa. Ya hizo desaparecer las araucarias cuyas ramas golpeaban de la terraza. Anoche soñé que, por entre rendijas de las puertas y ventanas, se infiltraba lentamente en la casa, en mi cuarto, y esfumaba el color de las paredes, los contornos de los muebles, y se entrelazaba a mis cabellos, y se me adhería al cuerpo y lo deshacía todo, todo... Sólo, en medio del desastre, quedaba intacto el rostro de Regina, con su mirada de fuego y sus labios llenos de secretos (BOMBAL, 2000, p.64).<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> O nevoeiro se estreita mais e mais contra a casa. Ele já desapareceu as araucárias cujos galhos atingiram o terraço. Ontem à noite sonhei que, através de rachaduras nas portas e janelas, eu lentamente me infiltrei na casa, no meu quarto, e a cor das paredes, os contornos da mobília desapareceram e ela se entrelaçou com o meu cabelo, e me agarrei a ela. corpo e tudo desvendado, tudo... Só que, no meio do desastre, o rosto de Regina

Regina é para ela a representação da beleza, da sensualidade e sedução, uma mulher forte, mas também sensível. Era valente por enfrentar os conceitos da época, ousando em manter um amante em condições tão aparente aos olhos de todos.

Percebemos, na citação acima, a presença da neblina num dos pontos culminantes do romance e, conseqüentemente, na vida da personagem. Um acontecimento que não esquecerá jamais: o encontro e entrega a um desconhecido que nomeará de amante e experimentará todos os seus desejos por uma noite.

Depois de muito tempo sem ver esse sujeito, em um entardecer, a protagonista o avista. Instante este que envolve o mistério novamente: “Hoy he visto a mi amante. No me canso de pensarlo en voz alta. Necesito escribir: hoy lo he visto. Sucedió este atardecer, cuando yo me bañaba en el estanque” (BOMBAL, 2000, p.74).<sup>9</sup>

Abaixo há outro trecho do romance em que a personagem fala ao seu esposo Daniel que se encontrou com outro homem, mas seu esposo não lhe dá tanta atenção e acredita que ela havia sonhado ou imaginado. E o leitor se pega a indagar se é realidade ou sonho:

[...]\_\_ Recuerda. Fue una noche de niebla. Cenamos en gran comedor, a la luz de los candelabros...  
\_\_ ¡Sí y bebimos tanto y tan bien que dormimos toda la noche de un tirón!  
Grito: ¡No! Suplico: ¡Recuerda, recuerda!  
Daniel me mira fijamente un segundo, luego me interroga con sorna:  
\_\_ ¿Y en tu paseo encontraste gente aquella noche?  
\_\_ A un hombre \_\_ respondo provocante.  
\_\_ ¿Te hablé?  
\_\_ Sí.  
\_\_ ¿Recuerdas tu voz?  
¿Su voz? ¿Cómo era su voz? No la recuerdo [...] (BOMBAL, 2000, p.82).<sup>10</sup>

---

permaneceu intacto, com o olhar de fogo e os lábios cheios de segredos. (BOMBAL, 2000, p. 64) (Tradução nossa)

<sup>9</sup> "Hoje eu vi meu amante. Eu não me canso de pensar em voz alta. Eu preciso escrever: hoje eu o vi. Aconteceu este fim de tarde, quando me banhei no lago. "(BOMBAL, 2000, p.74) (Tradução nossa)

<sup>10</sup> [...] \_\_ lembre-se. Foi uma noite de nevoeiro. Jantamos em uma grande sala de jantar, à luz dos candelabros ...  
\_\_ Sim e bebemos tanto e tão bem que dormimos a noite toda de uma só vez!

Grito: Não! Eu imploro: lembre-se, lembre-se!

Daniel me encara por um segundo, depois me questiona sarcasticamente:

\_\_ E em seu passeio você encontrou pessoas naquela noite?

Observamos que, em diversas situações, a neblina confunde o leitor porque traz ambiguidade. O que é de fato sonho ou realidade? O que tem de lógico e misterioso aos paradigmas culturais? Maria Rita Kehl, em seu texto “Desejo da realidade”, afirma que: “toda fantasia toma como suporte algum acontecimento da experiência real” (KEHL, 1990, p.365).

O misterioso e o imaginário partem de algum aspecto da realidade. O desejo, essa problemática, provoca níveis distintos de realidade existencial que envolve a percepção da protagonista, sua busca pelo que acredita e o que ela vem a ser. No entanto, ela é “castigada” pelo destino, por ser mulher em uma época machista e patriarcal, e assim só pode constituir-se como sujeito às margens temporárias de um sistema social. Por esta razão, o nevoeiro, a neblina e o entardecer cerca a história, destacando seus principais momentos, desejos e sua condição atual. Logo, a imagem nebulosa transmite a “imobilidade definitiva”.

## Considerações finais

Neste artigo buscamos fazer a leitura do desejo da mulher dentro de uma sociedade patriarcal, comparando as obras de Maria Luisa Bombal, *La última niebla*, e o conto “Amor”, de Clarice Lispector. Foram abordadas as divergências e convergências encontradas nas duas obras, em particular, de suas protagonistas, expressando as sensações as quais vivem, relacionando-as com o tema desejo.

Apontamos na pesquisa como o desejo está representado nos textos, de que maneira o silêncio se relaciona com o desejo e, conseqüentemente, com a incomunicabilidade; também a relação do desejo com a natureza. Intentamos mostrar que através do contato direto com a natureza, as protagonistas realizaram

---

\_\_ Um homem \_\_ respondo provocativamente.

\_\_ Te falo?

\_\_ Sim

\_\_ Você se lembra da sua voz?

Sua voz? Como era a voz dele? Não me lembro disso [...] (BOMBAL, 2000, p. 82).

descobertas no âmbito da sexualidade, do autoconhecimento, da consciência, do eu (numa relação com o outro), resultando em uma nova perspectiva de olhar o mundo. A natureza é o ponto culminante de todas as sensações, pois é nela que ocorrem as epifanias.

Buscamos atender a todos os objetivos, com base em conceitos teóricos, assim como analisando os símbolos apresentados nesse estudo (a névoa, espelho, memória e a morte), relacionando-os ao tema desejo.

De modo geral, a pesquisa nos possibilitou a alcançar os seguintes resultados: as protagonistas são conduzidas por momentos epifânicos que acontecem através do contato com a natureza, estes momentos lhe dão consciência de quem são e da amplitude de seus desejos.

A comparação possibilitou a aproximação de dois textos escritos por duas autoras latino-americanas que têm como protagonistas de suas narrativas mulheres diferentes, situadas em situações e ambientes também diferentes, mas que se aproximam por meio de instantes reveladores (epifânicos) por meio do espaço, ou melhor, do contato de ambas com a natureza, com outras pessoas, enfim, com o mundo externo que tentam lidar.

Para terminar, a pesquisa aqui apresentada contribui para a fortuna crítica de ambas as autoras, também pode vir a ser o ponto de partida para outros estudos no âmbito da comparação entre Maria Luisa Bombal e Clarice Lispector.

## **Referências**

- BACHELARD, G. *A poética do Espaço*: São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1989.
- BEAUVOIR, S. *O Segundo sexo: Fatos e Mitos*. Vol 2. São Paulo: Edição Europeia do Livro, 1970.

- CHAUÍ, M. “Laços do desejo”. In: NOVAIS, A. (org.). *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras; [Rio de Janeiro]: Funarte, 1990.
- CHEVALIER, J. CHEERBRANT, A. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1982.
- Dicionário de símbolos. < <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/>> Acesso em: 01. nov. 2018.
- GUERRA, L.(comp.). *Maria Luisa Bombal. Obras Completas*: Santiago de Chile: Editorial Andrés Bello, 2000.
- KEHL, M. “O desejo da realidade” In: NOVAIS, A. (org.). *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras; [Rio de Janeiro]: Funarte, 1990.
- LACAN, J. “O estádio do espelho”. In: ŽIŽEK, S. (org.) *Um Mapa da ideologia*: Tradução Vem Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- LISPECTOR, C. ‘Amor’. In: MARICONI, I. (org) *Os Cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 2001.
- NOVAIS, A. (org.). *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras; [Rio de Janeiro]: Funarte, 1990.
- OSTROYER, F. “A fonte do desejo em Goya”. In: NOVAIS, A. (org.). *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras; [Rio de Janeiro]: Funarte, 1990.